

SYLVIA DAY

Feitiço

Tradução de
Cláudia Ramos

5 SENTIDOS

Um

O Predador chegou finalmente.

Victoria estudou-o calmamente através das câmaras de vigilância em circuito fechado da zona da receção do seu escritório. O seu elegante fato Armani dificilmente conseguia dissimular-lhe a aura de caçador. Alto e moreno, o Predador movia-se com uma arrogância fortuita que fez Victoria ronronar. Nem sequer olhou em volta, de tão concentrado parecia estar no momento em que finalmente se veriam juntos na mesma sala. *Sozinhos*.

Enquanto esfregava as mãos, ela soltou um grunhido gutural que ecoou pela sala. Tinha a perfeita noção de que o Conselho Superior se preparava para lhe infernizar a vida uma vez mais, mas limitou-se a sorrir e a compor-se – era essa a sua natureza. Este Predador era poderoso e ela conseguia aperceber-se disso não obstante as paredes que os separavam.

Era uma prova da sua própria destreza o facto de Eles enviarem um feiticeiro desta cepa para a confrontar. Não tinha como não se sentir lisonjeada. Afinal, ela tinha infringido as leis intencionalmente, no firme propósito de espicaçar os mesmos poderes que a haviam separado de Darius. E aqui

estava o seu castigo, prestes a entrar-lhe no gabinete, numa passada determinadamente sensual. Ela não podia estar mais encantada com a escolha Deles.

O Predador dedicou um sorriso arrasador à rececionista antes de ela fechar a porta atrás dele. Depois voltou a atenção para Victoria, tirando os óculos escuros.

Oh, meu Deus...

Ela teve de cruzar as pernas, sedutoramente envoltas em meias de seda, para atenuar a dor pungente que sentiu entre elas.

Uns perfurantes olhos cinzentos avaliaram-na, num rosto tão austeramente atraente que ela se sentiu tentada a levantar-se da cadeira e ir roçar-se nele. *Os maxilares firmes... os lábios esculpido...*

Mas, como é óbvio, não o fez. Não podia. Antes de mais, teria de verificar se ele tencionava revelar quem era ou se optaria por manter o mistério. O Conselho Superior não se tinha ainda apercebido do poder que Darius lhe havia transmitido. Não sabiam até que ponto chegara o seu discernimento.

O olhar dela desviou-se para a moldura de cristal sobre a secretária, fixando-se na imagem do homem que lhe sorria sensualmente. Os laivos dourados no cabelo loiro de Darius trouxeram-lhe de volta a familiar e dolorosa sensação de perda e uma pontada no coração que serviu apenas para fortalecer a sua determinação. A sensação de injustiça, do cruel e precoce ceifar de uma vida, deram a Victoria uma forte necessidade de retribuição.

Resoluta, levantou-se e estendeu-lhe a mão. O Predador

tomou-a firme e elegantemente, deixando que a força tangível do seu toque o atraísse.

– Mr. Westin – murmurou ela, reprimindo um arrepio prazeroso.

Assim que acabasse com ele teria *mesmo* de agradecer ao Conselho por esta dádiva. Tão moreno – da pele ao cabelo asa de corvo, à aura misteriosa. Ele era a encarnação da sensualidade. Ela podia cheirá-la, senti-la com a sua proximidade.

Era mais do que notória a razão pela qual ele era um Predador tão bem-sucedido. Sentiu-se desde logo húmida e ardente de desejo.

Max Westin tomou-lhe a mão uns segundos mais do que o normal, os olhos intensos e pestanudos perscrutando o íntimo dela, denunciando as intenções de a ter, de a domar. Como todos os gatinhos, Victoria adorava brincar, por isso roçou as pontas dos dedos pela palma da sua mão no segundo antes de ele a retirar. O olhar dele intensificou-se quase impercetivelmente, um discreto indício de que Victoria conseguiria subjugá-lo desde que se propusesse a isso.

E era precisamente isso que tencionava fazer. O Conselho enviara *apenas* o seu melhor e mais premiado Predador atrás dela e ela tinha a perfeita noção de quão irritados Eles ficavam quando a sua elite se confrontava com o falhanço. Era a única coisa que ela podia fazer para evitar sentir-se impotente – fazê-los recordar da pior maneira o quão grandioso Darius fora e tudo o que perderam por o terem sacrificado desnecessariamente.

– Miss St. John... – disse ele, num tom de carícia agreste. Tudo nele era levemente cáustico, ligeiramente seco. Uma criatura primitiva. Tal como ela.

Victoria indicou-lhe a cadeira em frente à sua secretária com tampo de vidro. Desabotoando o botão do casaco, Max sentou-se, deixando que as calças azul-marinhas se distendessem sobre umas ancas firmes e a visível protuberância entre elas.

Victoria deu por si a humedecer os lábios. *Hmmm...*

Ele esboçou um sorriso discretíssimo, como que lendo-lhe os pensamentos. Max Westin tinha perfeita noção de quão irresistível era – o que o tornava ainda mais irresistível para ela. A autoconfiança era uma qualidade que Victoria muito admirava, assim como lhe agradava aquele toque de perversidade que Westin claramente possuía. Aquela sua aura sombria traía os contornos de magia negra que ele tentava disfarçar. E ela duvidava que o Conselho o tivesse sob rédea curta, tal como não a tinha a ela.

Apercebendo-se de que já gostava imensamente dele, Victoria afundou-se na cadeira, posicionando as pernas debaixo da saia-lápis preta de forma a obter o ângulo mais favorável.

– Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que o museu lamenta imenso a perda do seu colar – começou ele.

Ela não conteve um sorriso. Ele não ia dizer-lhe quem era, definitivamente. *Delicioso!*

– E deixe-me dizer-lhe que o senhor não tem nada ar de curador de museu, Mr. Westin.

– Estou aqui como representante da companhia de

seguros do museu. Obviamente que um extravio desta magnitude requer uma investigação.

– Isso é extremamente reconfortante.

Observando-o por detrás do véu das suas pestanas, Victoria não pode deixar de reparar na energia que atraía a sua natureza inquieta. Os lábios cheios e firmes sugeriam deleites dos mais pecaminosos, e como ela adorava homens enérgicos e imorais! Este era talvez um tanto rígido de mais para o seu gosto, mas ela contava mudar isso com a dose certa de persuasão. Todos eles acabavam fatalmente por lhe sucumbir. Era a única parte do jogo que a deixava desapontada – a rendição.

– Parece-me surpreendentemente calma – murmurou Westin –, para uma mulher que acabou de perder uma joia de valor inestimável.

Victoria sentiu encarquilharem-se-lhe os dedos dos pés. A voz dele conseguia ser ao mesmo tempo rouca e intensa, como se tivesse acabado de se levantar da cama. Uma voz deliciosa, como tudo nele. De ombros largos, ainda que magro, deixava que cada movimento ondeasse graciosamente cada músculo tonificado.

– Entrar em pânico não ajuda em nada – disse ela com um imperturbável encolher de ombros. – Além de que o senhor está aqui para encontrar o colar e parece-me... bem competente. Por que razão haveria de me preocupar?

– O facto de eu não conseguir recuperá-lo, talvez? A sua confiança nas minhas capacidades deixa-me lisonjeado, Miss St. John, e até nem é desadequada. Sou ótimo naquilo que faço. Contudo, as coisas nem sempre são o que parecem.

Era um aviso, puro e simples.

Pensativa, Victoria levantou-se e dirigiu-se às longas janelas corridas por detrás da sua secretária. Apesar de estar de costas para ele, conseguiu sentir o calor do seu olhar acariciando-a de cima a baixo. Enrolando os dedos nas pérolas do colar que lhe rodeava o pescoço fino, olhou, absorta, a linha do horizonte.

– Se for necessário, rapidamente contratarei outra pessoa. Tudo pode ser comprado, Mr. Westin.

– Nem tudo.

Intrigada, voltou-se para ele e surpreendeu-se ao vê-lo aproximar-se. Max colocou-se ao lado dela, observando a paisagem, mas com a atenção totalmente centrada nela. Victoria sentiu a energia dele tentando apoderar-se dela, como se procurasse alguma vulnerabilidade.

Incapaz de resistir ao perigo, ela roçou o ombro nele e inspirou o odor intensamente masculino da sua pele – um misto de colónia de mil dólares e pura *essência Max Westin*. Sentiu a pulsação acelerada, o coração em sobresalto.

Sentindo-se a correr o risco de perder a perspetiva, Victoria afastou-se. Há muito tempo que não lidava com um homem tão poderoso. Tempo de mais. Os outros Predadores foram sempre astutos e sedutores. Westin tinha tudo isso e ainda uma aura e um físico mágicos.

– Max – chamou ela, fazendo questão de usar o primeiro nome dele, forçando a proximidade entre os dois.

– Sim?

Olhando por cima do ombro, ela reparou que ele a seguia. Acoçando-a. Recordando-lhe que aqui o predador era ele.

Oh... ele pode vir a ser divertido... Desde que queira brincar.

– Jante comigo.

– Em minha casa – concordou ele.

Victoria dirigiu-se ao bar e retirou do pequeno frigorífico duas garrafas de leite, uma escolha deliberada para mostrar domínio sobre a situação. Certamente que ele sabia como ela funcionava. Mas saberia porquê?

Saberia Westin que, no último suspiro, Darius havia transferido a sua magia para ela, tornando-a muito mais poderosa que qualquer outra Familiar? Saberia Westin que ela fora amada pelo seu feiticeiro e que era esse amor que lhe concedia agora a capacidade de tomar as suas próprias decisões?

Antes da dádiva de Darius, Victoria era igual a qualquer outra Familiar. Era o Conselho Superior quem designava e estabelecia os emparelhamentos entre os da espécie dela e os seus correspondentes mágicos, independentemente das suas vontades. Muitas Familiares eram infelizes com os seus parceiros. Ela tinha tido muita sorte na primeira vez, vivendo um amor com Darius que transcendeu o tempo. E agora, por causa desse amor, era demasiado poderosa para ser vergada ou contrariada.

Tinham já passado dois séculos sobre a sua perda e ainda nenhum feiticeiro conseguira colocar-lhe a coleira. E não seria certamente Westin a fazê-lo. Amara profundamente e apenas uma vez. Não tinha espaço no seu coração para nenhum outro feiticeiro.

Humedecendo os lábios e sorrindo sedutoramente, ela voltou a ele:

– E que tal em *minha* casa?

– Não.

Aceitou a garrafa que ela lhe estendia, roçando deliberadamente os dedos na mão dela para a manter ali, junto dele.

– Victoria...

O nome dela, uma única palavra, mas pronunciada com uma tal possessividade que ela quase conseguiu sentir a coleira fechar-se à volta do pescoço. Os Predadores não ficavam com as Familiares, caçavam-nas e depois passavam-nas para as mãos de feiticeiros inferiores. Mas ela jamais voltaria a consentir que a utilizassem dessa maneira.

E ali ficaram, de pé, muito próximos, tocando-se, avaliando-se mutuamente. Ela inclinou a cabeça e permitiu-se exibir o seu interesse – não que conseguisse escondê-lo, com os mamilos tão hirtos e salientes debaixo da blusa de seda verde. A proximidade dele afetava-a fisicamente, custava-lhe respirar e o sangue fervia-lhe nas veias só de lhe sentir o cheiro sedutor. Tão alto, tão forte, tão intenso... apenas o contorno sedoso do cabelo negro que lhe emoldurava a testa conseguia suavizar-lhe as feições fortemente masculinas. Não fosse ele um Predador, já ela o tinha devorado, tal a força do seu anseio.

Quando ele baixou o olhar para os contornos dos seios dela, a boca curvou-se num sorriso carnal.

– Aposto que sou melhor cozinheiro – sussurrou-lhe, os dedos roçando os dela e provocando-lhe faíscas de desejo.

Ela fez beicinho antes de responder:

– Nunca saberá se não aparecer...

Ele afastou-se, pondo subitamente fim à sua atitude sedutora.

– Ou é em minha casa ou terei de declinar.

Victoria desejou poder assumir a sua forma felina só para agitar a cauda perante ele. Max Westin estava obviamente acostumado a fazer prevalecer a sua vontade. Era um Dominador, como todos os Predadores. Mas a verdade é que ela também era...

– É pena... – comentou ela.

E o comentário era mesmo sentido, a desilusão profunda. A casa dele não era opção. Quem sabe os feitiços que ele lhe poderia lançar? E que brinquedos teria? Seria o mesmo que entrar numa gaiola.

Ignorou o arrepio provocado por essa ideia.

– Mudou de ideias? – indagou ele, parecendo surpreso.

Definitivamente, o homem desconhecia o significado da palavra *não*.

– Eu convidei-o para jantar, Mr. Westin, e o senhor apresentou restrições ao meu convite. – Agitou a mão na direção da porta, num inequívoco gesto de rejeição com vista a conseguir irritá-lo. – E se há coisa que eu *não tolero* são restrições.

Ao ver que ele não fez a menor menção de sair, ela ronronou em voz alta, um resmungo sensual que conseguiu provocar em Max um espasmo involuntário do maxilar.

Então... a atração intensa era recíproca! Isso fê-la sentir-se ligeiramente melhor perante a fatalidade de ter de adiar o momento de o subjugar.

Com um gesto calmo e deliberado, Westin levou a garrafa aos lábios e bebeu e o suave ondular dos músculos da garganta

provocou em Victoria um intenso arrepio. A ameaça tácita das ações dele não lhe passou despercebida.

Viu-o pousar a garrafa vazia no tampo de vidro da secretária e aproximar-se dela, abotoando o casaco antes de lhe estender a mão. Foi como se o toque dele a queimasse, ainda que lhe sentisse a mão fria e levemente húmida. E o olhar que lhe dirigiu revelou-se tão gélido quanto o aperto de mão. Mas ela sabia que Max reestruturar-se-ia e regressaria em breve.

E ela estaria à sua espera.

Victoria roçou uma última vez os dedos pela palma da mão dele, antes de a largar.

– Vemo-nos em breve, Max.

Max deixou o Hotel St. John praguejando com veemência. De dentes cerrados, lutou contra a ereção que ameaçava embarçá-lo na via pública pejada de gente.

Victoria St. John significava sarilhos.

Apercebera-se disso no momento em que o Conselho o convocou. Amansar bravias era uma tarefa geralmente atribuída a feiticeiros menores ou aos novatos. O pedido irritou-o de início, mas depois deixou-o intrigado. Contudo, no momento em que conheceu a sua presa, entendeu.

Astuta e divertida, Victoria movia-se com a graça natural de um felino. Tinha o cabelo escuro e curto e uns olhos verdes amendoados que faziam dela uma *quase* irresistível tentação. Max olhara já centenas de vezes para a fotografia dela, não sentindo senão um simples apreço por um rosto bonito. Contudo, em pessoa... Victoria era devastadora, toda ela calor e sensualidade. Um tanto magra demais para

o seu gosto, mais flexível que curvilínea, mas aquelas pernas... Aquelas pernas *impossivelmente* longas... Em breve estariam enroladas nas ancas dele, quando a penetrasse bem fundo. Mas não ia ser pera doce. Ela própria tornou isso perfeitamente claro com o seu sorriso.

Ela sabia o que ele era, o que significava que os rumores sobre o seu poder eram verdadeiros. Victoria não era uma Familiar comum.

Max abanou a cabeça. Darius fora um imbecil. As Familiares necessitavam do pulso firme de um feiticeiro ou viravam bravias. E Victoria era um notável exemplo disso. Já era demasiado selvagem, desafiando o Conselho Superior a cada instante.

E também o desafiara *a ele*.

A um tempo intrigado e seduzido, Max repassou mentalmente a informação que reunira antes de a abordar. Victoria era uma das mais proeminentes figuras da sua espécie, deixando que o seu astuto talento para o negócio lhe permitisse não só ter adquirido um franchisado de hotéis, como apropriar-se de uma das maiores cadeias de hotéis de luxo do país. Até à morte do seu feiticeiro, era tida como um estimado e respeitado membro da comunidade mágica. Mas o desgosto que sofrera pela morte de Darius transformara-a, tornando-a perigosamente bravia – o que apenas serviu para fortalecer a posição do Conselho de que é sempre aconselhável que os emparelhamentos sejam cautelosamente pensados e nunca sujeitos aos ímpetos e caprichos do coração. Ocasionalmente, o amor acabava por nascer, tal como acontecera com Victoria, mas era raríssimo tal coisa acontecer com a intervenção do Conselho.

Max virou a esquina e entrou num beco lateral. Recorrendo aos seus poderes, transpôs a distância até à sua *penthouse* num abrir e piscar de olhos. Uma vez em casa, andou de um lado para o outro da sala, nervoso e inquieto, tentando pensar claro. Não tinha dúvidas de que Victoria extraviara o próprio colar – seria virtualmente impossível um ser humano conseguir uma tal proeza.

A segurança do museu era demasiado avançada, praticamente inviolável. Victoria fizera-o, sabendo que a ousadia do seu ato levaria um novo Predador ao seu encaço. O Conselho esforçava-se arduamente para manter a existência dos da sua espécie longe do conhecimento humano. O claro e ousado desrespeito de Victoria pelas Suas leis teria de ser rapidamente travado antes que os descobrissem.

Mas *porquê* esta sua atitude? Era isso que ele não entendia. Tinha de haver outra razão que não o desaparecimento de um feiticeiro. Victoria era demasiado calculista e segura de si. Sim, precisava de ser amansada, mas não estava descontrolada. E, antes de a deixar, Max tencionava descobrir quais as suas motivações.

Resfolegando de irritação, Max olhou em volta do seu *loft*, amplo e silencioso, protegido por feitiços defensivos. O cinza-claro das paredes e o negro dos sofás tornava a casa fria, segundo alguns dos seus substitutos, mas Max gostava da decoração, considerava-a tranquilizadora e permitia-lhe facilmente absorver energia positiva. Seria muito mais fácil domá-la aqui, com todas as ferramentas necessárias à sua disposição. Mas ainda que sabendo isto, a verdade é que Max tinha noção de que iria precisar de algo diferente para triunfar onde outros falharam.

Colocar a coleira em Victoria iria requerer uma única e certa abordagem. Ela era de facto extremamente poderosa e ele pressentira-lhe a potência – não sem alguma surpresa, ainda que isso explicasse o facto de ela ter conseguido evitar ser capturada ao longo de todos estes anos. Mas teria de a possuir, não só sexualmente mas a *todos* os níveis. Teria de ser dominada, como todas as Familiares o eram, mas ele teria de conseguir que ela *desejasse* sê-lo. Victoria teria de se submeter de livre vontade – de corpo e alma – para que a coleira fosse uma realidade, já que os seus poderes não permitiam que a coleira lhe fosse colocada sem o seu consentimento.

À medida que Max se ia deleitando com tudo aquilo que tencionava fazer-lhe, a magia percorreu-lhe lentamente as veias, numa onda cálida. Não podia negar que só a simples ideia de domar Victoria o deixava ardente de expectativa. Não da tarefa em si, algo a que já estava mais que habituado, mas pela mulher que seria o alvo da sua missão. A simples antecipação de a ver totalmente submissa entumescia-lhe dolorosamente cada músculo do corpo. Todo aquele fogo que lhe viu nos olhos e o aparente desdém pelo poder que ele próprio emanava – não por ignorância, mas pela pura excitação de jogar. Pela primeira vez na vida de Max, existia uma remota possibilidade de fracasso e isso aguçava-lhe o apetite como nunca antes acontecera.

Max perguntou-se a quem viria ela a ser designada assim que ele terminasse a sua missão. Ela seria sempre mais forte do que as outras Familiares e ele recusava-se a debilitá-la. Uma Familiar debilitada não tinha a vitalidade necessária para poder ser realmente útil.

Sentiu um formigueiro na nuca, alertando-o para a intimação antes sequer de Eles falarem.

– *Conheceste a bravía?* – indagou o Conselho. Centenas de vozes falando em uníssono.

– Ela não é bravía – corrigiu-os ele. – Pelo menos por enquanto.

– *Ela não pode ser domada. Muitos tentaram. Todos falharam.*

Ele hesitou um segundo antes de retorquir:

– Pediram-me que a capturasse. Foi isso que me propus fazer. Não vou matá-la antes de tentar. Se o que querem é um assassinato, terão de contratar outro alguém.

– *Não existe outro Predador com o teu poder* – retorquiram Eles. – *Sabe-lo bem.*

– Então permitam-me que tente salvá-la. Ela é única, seria lamentável perdê-la. – Passou a mão pelo cabelo e exalou profundamente: – Estou disposto a fazer tudo o que for necessário.

– *Aceitamos a tua sugestão.*

Seria normal que ele ficasse aliviado, mas não ficou.

– Já decidiram para onde a devo levar assim que a conseguir domar?

– *É claro...*

A resposta vaga do Conselho deixou Max apreensivo, sentindo uma pontada indesejada de possessividade. A relação DOM/sub¹ era única e singular, exclusiva de cada par, e requeria um nível intenso de confiança extremamente

¹ Dominador /submisso, termos utilizados nas práticas de *bondage* e *sadomasoquismo*.

difícil de obter. Esta representava a sua primeira tentativa, e não estava certo de se sentir confortável com a ideia.

– Vão, então. E deixem-me com o meu plano.

À medida que a evanescente presença do Conselho se foi extinguindo, Max sentiu desde logo a fortíssima necessidade de amansar Victoria com o seu poder e dar início imediato à subjugação. Mas cedeu à tentação. Esta sua ânsia era inconveniente, podendo mesmo revelar-se prejudicial. Max adorava caçar, o adestramento deleitava-o, mas não era propenso a pressas ou precipitações. Uma subjugação adequada levava o seu tempo, algo que a recente intervenção do Conselho lhe transmitiu que ele não dispunha. Teria no máximo algumas semanas.

Sentiu-se intumescer de excitação. Umas semanas com Victoria...

E estava mais do que pronto para começar.